



O NÚCLEO DE ATENDIMENTO PEDAGÓGICO ESPECIALIZADO – NAPE E AS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maria Auxilene Venancio Barroso¹

Secretaria de Educação do Ceará – SEDUC-CE

Mariaauxilene@gmail.com

Alexcia Feitosa Alencar²

Secretaria de Educação do Ceará – SEDUC-CE

alexciaa23@gmail.com

Lídia Andrade Lourinho³

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Faculdade Luciano Feijão - FLF

lidiandrade67@gmail.com

Orientadora

RESUMO:

A pandemia da COVID-19 trouxe enormes desafios para a educação especial, principalmente por trazer em seu percurso histórico um contexto decorrente de diversas barreiras de acessibilidade. Desse modo, o enfrentamento à crise resultou na organização de um plano pela equipe multidisciplinar do Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado-NAPE Maria Agenora Bezerra em articulação com as famílias para o período de emergência, através de atividades pedagógicas não presenciais. O lócus de ação deste relato foi extraído das intervenções realizadas com os estudantes e suas famílias através de grupos de whatsapp e Google meet durante os plantões de atendimento. O maior desafio foi garantir o acolhimento e intervenções através do acesso digital, que embora sendo ainda excludente, possibilitou o diálogo e o fortalecimento das relações humanas. Assim, ficou evidenciado que as ferramentas digitais, mesmo possuindo algumas limitações, possibilitam o atendimento remoto, amenizando os prejuízos causados por esse momento atípico.

Palavras-chave: Pandemia, NAPE, intervenções Psicopedagógicas

¹ Maria Auxilene Venancio Fontenele – Profª do NAPE/SEDUC mariaauxilene@gmail.com

Esp. Psicopedagogia, (UVA), Informática Educativa (UECE), Mídias na Educação (UFC). Mestranda em Saúde da Criança e do Adolescente - UECE

² Alexcia Feitosa Alencar – Psicóloga NAPE/SEDUC alexciaa23@gmail.com

Pós graduanda em Saúde Mental – UNIFOR.

³ Profa. Dra. Lidia Andrade Lourinho - Pedagoga, Fonoaudióloga. Psicopedagoga. Pós-doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).



INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde-OMS declarou, em 11 de março de 2020, que a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os continentes a caracteriza como pandemia. Para contê-la, a OMS recomenda três ações básicas: isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social (BRASIL, 2020).

O Ministério da Saúde editou a Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, publicada no Diário Oficial da União (DOU), em 4 de fevereiro de 2020, declarando Emergência em Saúde Pública de importância Nacional, em razão da infecção humana pelo novo Corona vírus (COVID-19) (BRASIL, 2020).

Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) veio a público elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da COVID-19 (BRASIL, 2020).

Diante da situação, a educação especial, uma modalidade transversal que tem como público alvo os estudantes com altas habilidades/superdotação, deficiência e Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme o Parecer CNE/CP nº 9/2020 precisa adotar medidas de acessibilidade igualmente garantidas enquanto perdurar a impossibilidade de atividades escolares presenciais na unidade educacional (BRASIL, 2015; BRASIL, 2020).

Ao se reportar a escola, nos vem logo em mente que este lugar é um espaço de convivência e construção de vínculos afetivos. Como já dizia Paulo Freire, a escola não se trata apenas de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos etc. A Escola é, sobretudo, um lugar de gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. Um lugar de interações, onde se constroem laços afetivos (FREIRE, 2010).

A escola possui uma rotina que, além de proporcionar um espaço de aprendizagem, é também um lugar que possibilita as relações interpessoais dos estudantes, vínculos que ultrapassam os muros da mesma. Deste modo, é um ambiente que traz uma infinidade de vantagens para os alunos. Suas habilidades são aumentadas e eles adquirem a possibilidade de se desenvolver no âmbito pessoal, emocional e social. Além de poder ser divertido para a criança o tempo na escola, o que é certo é que



aumenta as habilidades sociais e a consciência social, bem como suas capacidades e aptidões (CIFUENTES-FAURA, 2020).

Porém, com a instalação da pandemia de covid-19 essa rotina foi bruscamente interrompida, medidas impostas por decretos governamentais visando à prevenção dessa doença impossibilitaram a continuidade das aulas, como também de qualquer tipo de interação social (BRASIL, 2020).

Diante dessa nova realidade, como continuar fortalecendo o vínculo com as crianças e adolescentes e suas famílias, se estamos longe e em corpos separados devido a pandemia⁴ da Covid-19? Como lidar com as perdas e aprender com essa nova realidade?

A crise da pandemia provocou um cenário desafiador na educação, principalmente em se tratando de estudantes com deficiência. As considerações de Santos chamam a atenção para o viés socioeducacional, convida-nos a refletir como podemos nos constituir e (re)construir nossas relações sociais, educacionais e afetivas, neste momento em que as certezas socialmente construídas parecem não fazer muito sentido.

Ressignificar nossas práticas parece ser o caminho para um novo cenário de Atendimento Educacional Especializado – AEE e nesse momento de incertezas o ensino remoto passa a ser uma estratégia de intervenção que auxiliará a se sentir conectados.

A produção de cuidado humanizado, manutenção dos vínculos, estabelecimento de relações de confiança e garantia de continuidade do acesso a práticas psicopedagógicas, se faz necessário, tendo em vista que o atendimento especializado oferecido anteriormente já havia possibilitado um desenvolvimento significativo na vida desse público (BRASIL, 2015; BRASIL, 2020).

O atendimento educacional especializado – AEE atende as mais diversas demandas, possibilitando um acesso especializado de recursos pedagógicos para estudantes com deficiência proporcionando uma rotina de atendimentos aos mesmos. Entretanto o isolamento social impossibilitou a continuidade desses de forma presencial,

⁴A palavra pandemia vem do grego e significa: pan - tudo/todos e demos - povo, ou seja, é uma epidemia de uma certa doença infecciosa que acaba por se espalhar entre a população de um continente, uma região geográfica ou até mesmo de todo o planeta Terra (GREENBERG et al., 2005).



deixando inviável a interação social, impactando não somente nos avanços pedagógicos já desenvolvidos, mas também na sua saúde provocando uma desordem sensorial e psicológica (FIOCRUZ, 2020).

Diante desse cenário de pandemia, as mais diversas reações emocionais podem ser instaladas nos indivíduos, tais como, irritabilidade, falta de concentração, tédio, inquietação, e alterações no sono e na alimentação. Porém para crianças com demandas específicas essas reações podem se manifestar de forma ainda mais intensa (FIOCRUZ, 2020).

Compreender essas crianças, tratando-as com um olhar humanizado, é essencial, compreendendo as suas necessidades e adequações evitando um olhar patológico a uma reação adaptativa dessas crianças a essa nova realidade (FIOCRUZ, 2020).

Essa viragem nos fez perceber a drástica mudança: de repente, a escola, um lugar acolhedor, interativo e afetuoso, ficou impossibilitado de ser visitada. Com isso abriu-se um campo de batalha, onde foi imposto uma única alternativa que seria o ensino remoto. Nesse sentido, os profissionais do NAPE Maria Agenora Bezerra⁵ tiveram que se adaptar e pensar as formas de atendimento e aprendizagem sem o espaço físico, tão importante nas rotinas das crianças, adolescentes e de suas famílias.

Reconhecendo o trauma sofrido pelos estudantes e suas famílias durante esse período difícil, inicialmente, pensou o NAPE, através de uma equipe multidisciplinar, em estratégias de atendimento dando preferência ao acolhimento, para que os estudantes compreendam o que está acontecendo e encontrem suporte para enfrentar o distanciamento social com menos prejuízos emocionais.

É importante destacar o papel do NAPE como uma rede de apoio intersetorial que se interliga com as escolas dos estudantes atendidos e com a saúde. Além disso, seu papel na escola ocupa o lugar de prestar assessoria psicopedagógica a professores e estudantes público alvo da educação especial e com dificuldades de aprendizagem. Acolher esses sujeitos e suas famílias independente de sua condição é o maior desafio.

⁵O NAPE Maria Agenora Bezerra é composto por uma equipe Multidisciplinar formada por Assistente Social, Psicólogos, Terapeutas Ocupacional, Fonoaudiólogos, e Psicopedagogas, cujo o objetivo é acompanhar os estudantes com deficiência e dificuldades de aprendizagem no processo de inclusão escolar.



METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência sobre o atendimento educacional especializado com a equipe do NAPE. São espaços pedagógicos que contam com uma equipe multiprofissional, composta de pedagogos, assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, equipados com recursos pedagógicos específicos.

O lócus de ação deste relato foi extraído das intervenções realizadas com os estudantes e suas famílias através de grupos de whatsapp e Google meet durante os plantões de atendimento.

A realidade do isolamento social trouxe uma nova configuração para o trabalho dos profissionais do NAPE, no sentido de ressignificar suas ações, em conjunto com as famílias pensando em formas de intervenções que possibilite o fortalecimento do vínculo, porém a ênfase dos atendimentos proporcionados pelas plataformas digitais ultrapassa as necessidades pedagógicas desses estudantes, visando o acolhimento emocional, orientação para os pais e manutenção dos vínculos estabelecidos antes do isolamento, pois dessa forma supõe-se que ocorra um menor número de desligamento dessas estudantes.

Com isso a equipe multidisciplinar que compõe o NAPE buscou estratégias e formas de intervenções que proporcionassem a esse público tudo o que foi pensado e estruturado. Inicialmente foi realizado um planejamento inicial, para que logo após fosse marcada uma reunião com os pais e assim apresentar a proposta. Em seguida equipe se dividiu em duplas onde uma vez por semana seria ofertado atendimentos nas modalidades de plantões para que os pais que estivessem disponíveis e sentissem essa necessidade entrassem na sala virtual para uma orientação com os profissionais, acompanhar o filho para uma conversa ou possível intervenção e também uma troca de experiência com os demais que também estariam nessa sala.

Durante as reuniões periódicas de planejamento que também são realizadas semanalmente é feito um feedback sobre tudo o que aconteceu durante esses plantões, os relatos dos pais e alunos como também as impressões dos profissionais sobre aquele atendimento, dessa forma, é possível programar a próxima semana, como também efetuar novamente a divisão da equipe proporcionando uma rotatividade entre esses



profissionais e planejando estratégias de acolhimento e intervenção sempre buscando se adequar a realidade de cada estudante.

Além das atividades realizadas com a educação especial, vale ressaltar também os encontros quinzenais com corpo docente da escola, onde é realizado palestras com a finalidade de proporcionar um acolhimento emocional a esses professores, possibilitando um espaço de fala e escuta ativa em grupo, possibilitando um cuidado para esses profissionais que estão a todo momento ouvindo e acolhendo os estudantes em suas mais diversas demandas.

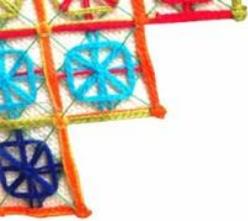
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de um planejamento, a equipe do NAPE traçou algumas estratégias de atendimento aos estudantes e suas famílias. Inicialmente, realizamos uma reunião com os pais para oferecer apoio emocional para que se sentissem mais seguros. Nesse primeiro momento, o objetivo foi promover uma escuta. Para tanto, elaboramos uma dinâmica de acolhimento despertando o diálogo entre a equipe. Quem teve interesse participou, externando os sentimentos como angústias, medos e insegurança (CIFUENTES-FAURA, 2020). Como forma de direcionar e estimular a fala das mães nesse primeiro encontro foi realizada uma dinâmica com as seguintes perguntas:

1. O que a pandemia lhe permitiu fazer que antes você não conseguia, ou não tinha tempo?	6. O que você poderia fazer hoje para se sentir mais feliz?
2. Você fez contato com algum amigo ou familiar que não falava a algum tempo nesse período?	7. Como está a sua relação com os seus filhos, o que mudou?
3. Você ajudou alguém que precisava (financeiro ou emocionalmente) nesse período de isolamento social?	8. Quais as maiores dificuldades você vem sentindo em relação as atividades das crianças?
4. Quantas vezes você sentiu orgulho de suas pequenas conquistas nessa quarentena?	9. Como está sendo a adaptação da família a essa nova realidade
5. Você iniciou algum novo hábito?	10. Você observou algum comportamento diferente no seu filho nesse período? Quais?

Durante essa dinâmica foi possível perceber como essas mães estavam lidando com essa nova realidade, como estava o seu autocuidado, o cuidado com o outro e com os seus filhos, como também a manutenção da sua saúde física e mental.

Com esses relatos que nos foram passados, ficou constatado como estava sendo trabalhoso para elas e as crianças se adaptar aos ensinamentos remotos e a resolução das



atividades passadas para os filhos (tendo em vista que as mesmas não obtiveram uma preparação previa para isso) como também a convivência familiar. A partir disso foi elaborada a proposta dos plantões de atendimentos.

INÍCIO DOS PLANTÕES DE ATENDIMENTO

No segundo momento, a equipe do NAPE elaborou os plantões de atendimento com a participação dos pais, onde juntos definimos os dias e horários dos atendimentos com os estudantes. Ficou estabelecido que as intervenções seriam organizadas de segunda a quinta-feira no horário de 15 horas. Todo o processo de coleta das informações colocadas pelos pais aconteceu através do grupo de *whatsapp* já existente, bem como as orientações da equipe de como acessar o Google meet .

Na semana em que se iniciaram os plantões, algumas mães tiveram dificuldades em acessar o aplicativo *Google Meet*, como demonstra as falas delas abaixo em relação ao acesso da primeira aula remota. As informações foram elaboradas em quatro categorias, nas quais se dialogam: 1) quantidade de mães do grupo de *whatsapp*, quantas tem acesso à internet; 2) Acesso ao *Google Meet*, dificuldades enfrentadas ao usar o aplicativo; 3) Percepção das mães sobre o ensino remoto com as crianças.

Na **primeira categoria** (as mães do grupo de *whatsapp* e os acessos a internet) verificou-se que o grupo de criado pelo NAPE no aplicativo de mensagens possui o total de 55 mães e que, desse grupo, apenas 16 interagiram regularmente . Dentre elas, nem todas estão participando dos plantões de atendimento. Algumas justificam a ausência com a dificuldade relacionada ao uso do celular, necessário para que o filho possa acompanhar as aulas remotas no ensino comum. Uma hipótese é que não participam porque não possuem o aparelho ou não têm acesso a internet.

“Pra mim seria bom pela manhã, pois a tarde meu filho tem aula pelo zoom.” (SIC)

“Obrigada. Hoje estou no trabalho. Não será possível. Mas agradeço a atenção.” (SIC)

Diante do exposto, fica evidente que as intervenções através do ensino remoto impõem alguns desafios e limitações que não dependem da equipe do NAPE, bem como das famílias. Fato que pode ser explicado pela falta de políticas públicas de acesso a



internet. E a causa pode ser por motivos financeiros, tecnológicos e também técnicos. Resultado de um modelo excludente e neoliberal que proporciona a falta de humanização.¹

Na **segunda categoria** (As dificuldades enfrentadas pelas mães ao usar o aplicativo de acesso ao Google Meet)

Alexia
Bom dia, a nossa reunião logo mais as 14h30 será realizada na plataforma do google meet. Para que tenhamos acesso é necessário a instalação desse aplicativo.

Esse é o link da nossa reunião.

URL da reunião: <https://meet.google.com/hmy-wdys-xtu>

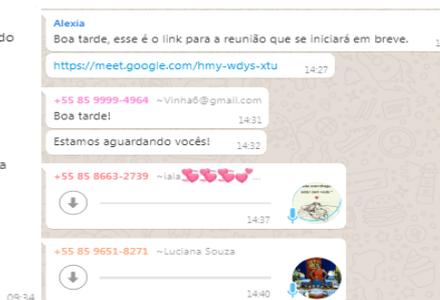
Quem quiser ir se habituando a plataforma eu passarei a manhã online para auxiliá-las nesse processo.

Caso você ainda não tenha esse aplicativo basta clicar no link que será direcionada a fazer o download.

Mais tarde postarei o link da reunião novamente.

Aguardo vocês, 😊

Fonte Whatsapp, 2020.



Através dessa categoria buscou-se identificar as maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo de mães em relação ao acesso a plataforma e observar a percepção diante do novo. Notou-se que algumas dificuldades são relacionadas ao uso de ferramentas no celular que ultrapassam ao usual em que elas já estavam acostumadas a realizar em seu cotidiano. Observem nos recortes de suas falas durante bate papo no grupo de *whatsapp*.

“gentepêraai que eu tô toda amarrada, perai!”

“o meu ta pedindo para alguém permitir para pra mim poder entrar”

“Eu já to...so que eu to toda amarrada porque eu nunca é...particpei assim de reunião”.

“Eu também não to conseguindo abrir pra mim entrar na reunião...eu sou a mãe do Levy “

“Eu até consegui entrar lá”

“Eu não como é que faz?”

“Mesmo que nada eu ta participando da reunião... eu to precisando tirar umas duvidas pra saber como é que faz.”

“Eu prefiro mesmo é cara a cara que aí a gente pergunta o que a gente quer, a gente ouse o que a gente precisa...eu não entendo nada, nada desse negocio de online, não dá pra mim, não!”

“Boa tare! Eu também sou a mãe do Joaquim, eu também não sei não, entrar não! É melhor, eu concordo com vocês duas aí, é melhor ao

vivo que a gente fala, porque aí era melhor...se fosse a gente ficava separado, cada qual ficava separado, né...longe uma da outra, na minha opinião. Eu também acho melhor cara a cara como diz as duas aí. Eu não sei entrar nesse negocio de online não, minha fia! Eu não vou assistir essa reunião não porque eu não sei. Pois é a minha opinião é essa. Era pra ser no CAIC mesmo, sem ser esse negocio de online. Pois ta bom depois eu me informo ai diretinho dessa reunião porque eu não sei participar dessa reuniãoonline não minha fia, boa tarde, tchau!”

“Mulher eu ouço as pessoas falando, eu vejo o pessoal, mas eu não sei entrar de jeito nenhum. Eu quero fazer uma pergunta mais eu não sei como é que faz pra mim poder entrar. Ai da é revolta!”

“Eu não to sabendo nem como é que entra, na hora que eu coloco lá so aparece a câmera comigo, eu não vejo ninguém não!”

*“Eu consigo ver o povo, ouço elas falando,
mas não dá pra... eu não consigo falar, não*

ouço a minha voz e aí fica esquisito.”

Na **terceira categoria** (Percepção das mães sobre o ensino remoto com as crianças) Observou-se como as mães avaliam o ensino remoto, os encontros e a participação dos filhos durante as intervenções com as profissionais do NAPE. Para tal, foi aplicado um questionário de cunho quanti-quali onde 16 mães responderam perguntas acerca do ensino remoto.

Qtde de mães responderam	Seu filho é matriculado em escola pública?	
	Percentual Município	Percentual Estado
15	86,7%	13,3%

Qtde de mães responderam	Você tem acesso próprio à internet?	
	Sim	Não
15	93,3%	7%

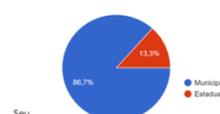
Qtde de mães responderam	Seu filho (a) está assistindo aulas online nesse período de pandemia?	
	Sim	Não
16	81,3%	18,8%

Qtde de mães responderam	Como seu filho assiste as aulas online?		
	Computador	Notebook	Celular
16	0%	0%	100%

Qtde de mães responderam	Você tem participado dos atendimentos online oferecidos pelas profissionais do NAPE	
	Sim	Não
16	68,8%	31,3%

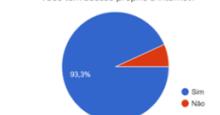
qtde de mães responderam	Como você classificaria os atendimentos no NAPE		
	Muito ruim	Razoável	Bom
16	40%	20%	40%

Seu filho é matriculado em escola pública



Seu

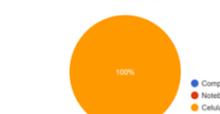
Você tem acesso próprio à internet?



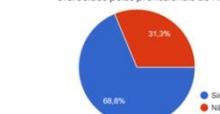
Seu Filho(a) está assistindo aulas online nesse período de pandemia?



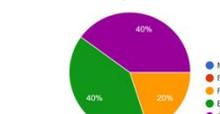
Como seu filho assiste as aulas online?



Você tem participado dos atendimentos online oferecidos pelas profissionais do NAPE?



Como você classificaria os atendimentos oferecidos pelo NAPE?



A partir do questionário, foi possível constatar que das dezesseis mães que participam do grupo de Whatsapp 93,3% responderam que tem acesso a internet e 7% não tem acesso próprio, utilizando de terceiros. Todos eles usam exclusivamente a modalidade *wifi* assistem as aulas através do celular 100%, não dispendo de outros recursos tecnológicos. Comprova-se dessa maneira que a pesquisa realizada em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que de três em cada quatro brasileiros o instrumento mais utilizado estava o celular. O uso deste equipamento cresceu, de acordo dados apresentados. No Brasil, é o principal meio de acesso à rede no país, usados por quase todos os brasileiros. Próximo de alcançar a totalidade (99,2%) dos domicílios com acesso à internet. O aparelho é usado tanto na área rural, por 97,9% daqueles que acessam a internet, quanto nas cidades, por 98,1%.



Dentre os maiores desafios encontrados, estão elencadas as dificuldades de acesso à internet, visto que considerando um grupo de cinquenta e cinco mães que estão registradas no grupo de *whatsapp*, apenas 16 destas estão participando. O que denota um elevado percentual de pessoas que ainda estão excluídas desse processo (SANTOS, 2020).

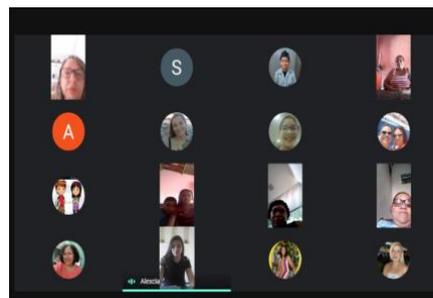
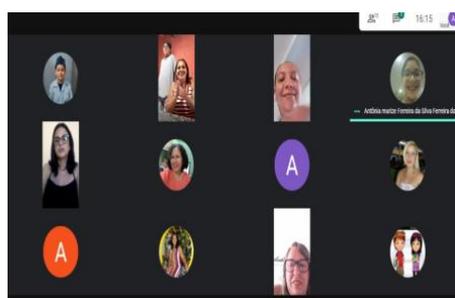
Os alunos que estão participando das aulas remotas online somam 81,3% e os que não estão somam 18,8%, também uma agravante porque esse aluno que não está tendo o contato com a escola, pode ficar desmotivado e não querer voltar quando normalizar.

Em relação os atendimentos remotos no NAPE 68,8% estão participando com frequência e 31,3% não estão participando. Ainda temos um número elevado de estudantes que não participam dos atendimentos de AEE com a equipe multidisciplinar do NAPE.

Na avaliação, as mães mostraram que o ensino remoto oferecido pela equipe do NAPE aparece com 40% como muito ruim, 20% como razoável e por último 40% como bom.

Google Meet

Momento de atendimento com os estudantes durante os plantões



Fonte: Arquivo das autoras (2020).

Algumas mães externaram a dificuldade de lidar com a aprendizagem, bem como com o comportamento do filho e os sintomas de ansiedade provocada pela mudança na rotina. Algumas mães apontaram o quão difícil está sendo ter que ficar isolada e a incerteza de não saber quando haverá vacina. Acrescentaram ainda que caso aconteça o retorno, não se sentem seguras de levar a criança para a escola. As falas denotam o desaparecimento da sensação de segurança mediante as incertezas que emergem com a pandemia (SANTOS, 2020).

Apesar de ter acontecido de maneira remota, o diálogo das profissionais do NAPE com as mães, possibilitou observar que a realidade atual está interferindo nas relações com o filho bem como na saúde mental dos estudantes e suas famílias.

As informações coletadas estão ajudando a criar estratégias de intervenção que responda as imposições provocadas por esse período atípico.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala em educação especial, inúmeros desafios podem ser elencados no que se refere as práticas pedagógicas. Nesse contexto de isolamento social, o ensino se restringiu a modalidade remota; os encontros antes presenciais, agora somente são possíveis em salas virtuais.

Os decretos publicados pelos governantes nesse sentido têm a finalidade de conter a disseminação do vírus da Covid-19. Com a ruptura da socialização, dos encontros, novas práticas foram necessárias, adaptações e estratégias precisaram ser pensadas para a continuação desse processo.

Os grupos de encontros semanais com as profissionais do NAPE foram de suma importância para a manutenção desses vínculos afetivos, ultrapassando as necessidades pedagógicas de ensino. Foi disponibilizado um espaço de fala, escuta e orientação para esses pais e alunos, pensando sempre na melhor forma de acolhimento a equipe multidisciplinar integrou várias áreas de saber para que as intervenções pudessem ser mais efetivas.

Contudo, ainda existem muitas limitações. O ensino remoto acaba expondo algumas vulnerabilidades desse público, sejam cognitivas ou sociais. Como foi possível perceber, nem todos tem acesso a internet ou ainda apresentam dificuldades em lidar com os recursos tecnológicos, além disso, uma queixa presente na fala dos pais é a dificuldade de lidar com os filhos nesse período ou o despreparo para ajudar nas atividades pedagógicas propostas.

Este artigo teve como proposta relatar como vem sendo essa experiência de educação inclusiva no ensino remoto, apresentando estratégias de intervenções utilizadas através do trabalho desenvolvido pelo NAPE e como as mães avaliam essa nova realidade imposta, para que com isso cada vez mais nós possamos atualizar o nosso repertório de atuação sempre acolhendo esse público de acordo com as suas necessidades. A pandemia, infelizmente, ainda não acabou, mas trouxe algumas possibilidades através das ferramentas digitais capazes de amenizar os prejuízos causados por esse momento atípico.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP Nº 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 jun. 2020.



BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 28 mar. 2020.

CIFUENTES-FAURA, J. Consecuencias en los niños del cierre de escuelas por Covid-19: el papel del gobierno, profesores y padres. Revista Internacional de Educación para la Justicia Social, Madrid, v. 9, n. 3e, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://revistas.uam.es/riejs/article/view/12216/12089>. Acesso em: 4 jun. 2020

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. São Paulo: Boitempo, 2020.

GREENBERG, Raymond S. et al. Epidemiologia Clínica 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Fundação Osvaldo Cruz, Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia - crianças na pandemia Covid-19. Disponível em https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf. 22.09.2020.

IBGE. PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. 2020. Disponível: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/> Acesso em: 13 de set. 2020.

Rizoma freireano • Rhizomefreirean - n. 8 • 2010 • Instituto Paulo Freire de España. Disponível em: <http://www.rizoma-freireano.org/a-escola-paulo-freire>. Acesso em: 07 jun. 2020.